

PRODUTIVIDADE DE CAFEIEIRO EM RESPOSTA À CICLOS DE ESQUELETAMENTO NO SISTEMA “SAFRA ZERO”*

DHS Nadaleti¹, PL Maia¹, GR Carvalho², CE Botelho², DR Pereira¹, PC Moreira¹ – ¹Universidade Federal de Lavras – UFLA, ²Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG. *Trabalho financiado por: Consórcio Pesquisa Café, FAPEMIG, CNPq e CAPES.

A cafeicultura brasileira tem sofrido profundas mudanças devido a adoção de tecnologias voltadas a toda cadeia produtiva. Dentre elas, o manejo de podas do tipo esqueletamento têm sido amplamente utilizado a fim de renovar as lavouras e recuperar plantas depauperadas por fatores bióticos e abióticos, como doenças desfolhadoras, geadas, chuva de granizo, entre outros. Por meio do esqueletamento foi desenvolvido um sistema denominado “safra zero”, com o intuito de eliminar colheitas onerosas em anos de safra baixa. Trata-se de uma tecnologia altamente influenciada pelo genótipo e intempéries climáticas. Diante ao exposto, objetivou-se com o trabalho avaliar genótipos de *Coffea arabica* L., em resposta ao esqueletamento em ciclos no sistema “safra zero”. Foram avaliadas 10 progênies em geração F₅, descendentes de “Híbrido de Timor” (cruzamento de Catuaí Vermelho e Amarelo com “Híbrido de Timor”), como também duas cultivares comerciais como testemunhas (Tupi IAC 1669-33 e Obatã IAC 1669-20). O experimento foi conduzido na área experimental do setor de Cafeicultura da UFLA, sendo implantado em dezembro de 2005, podado em agosto de 2014 e novamente em agosto de 2016. O delineamento experimental utilizado foi em blocos casualizados (DBC) com três repetições, sendo 12 tratamentos (10 progênies e 2 cultivares) totalizando 36 parcelas experimentais constituídas por 15 plantas cada. Foram realizadas avaliações da produtividade anualmente por seis safras anteriores ao esqueletamento (2008/2009 à 2013/2014) e duas safras após os ciclos de esqueletamento (2015/2016 e 2017/2018) em sacas de 60 Kg de café beneficiado ha⁻¹, de acordo com o rendimento de cada genótipo. Foram realizadas comparações com os valores de produtividade, obtendo razões (%) entre a produtividade média anterior a poda com a produtividade média do primeiro biênio no sistema “safra zero”, entre a produtividade média anterior a poda com a produtividade média dos dois biênios no sistema “safra zero”, como também entre as médias do primeiro e segundo biênio no sistema “safra zero”. Para as análises estatísticas utilizou-se o software ‘Sisvar’ versão 5.6, submetendo os dados à análise de variância (ANOVA) e aplicado o teste de Scott-Knott ao nível de 10% de probabilidade para comparação das médias.

Resultados e Conclusões

É observado na Tabela 1, que houve efeito significativo entre as produtividades médias anteriores a poda e entre as produtividades médias do primeiro biênio após a poda. Quando se comparam as produtividades médias do primeiro biênio pós-poda e a média anterior à poda, nota-se que a produtividade caiu em média 5%, sendo que os genótipos 1, 4, 8, 9, 10 e 11 superaram a produtividade com o uso do esqueletamento no primeiro ciclo (razão > que 100%). Já em relação à comparação entre a média dos 2 biênios no sistema “safra zero” com a média anterior a poda, a produtividade reduziu em média 11%, com destaque apenas para os genótipos 4, 9 e 10 que superaram a produtividade com dois ciclos de poda (razão > que 100%). Vale ressaltar ainda que o genótipo 4 foi o único que manteve sua produtividade nos 2 biênios, sendo eficiente neste tipo de condução de lavouras. De uma forma geral houve uma redução de 12% na produtividade do primeiro para o segundo ciclo de poda. Pode-se concluir que a resposta ao esqueletamento varia de acordo com o genótipo, sendo que este se comporta de forma distinta às condições climáticas.

Tabela 1. Razão (R1%) entre a produtividade média anterior ao esqueletamento (PM) e a produtividade média do 1º biênio no sistema “safra zero” (PM1ºB) , razão (R2%) entre a produtividade média anterior ao esqueletamento (PM) e a produtividade média de 2 biênios no sistema “safra zero” (PM2B) e razão (R3%) entre as produtividades médias do primeiro biênio (PM1ºB) e o segundo biênio (PM2ºB) no sistema “safra zero” .

Nº	Genótipos	PM	PM1ºB	R1%	PM2B	R2 %	PM2ºB	R3%
1	H516-2-1-1-18-1-1	35,3 c	40,8 a	115	33,9 a	96	27,0 a	66
2	H516-2-1-1-18-1-2	37,2 c	18,4 c	49	20,8 a	56	23,3 a	127
3	H516-2-1-1-18-1-3	35,5 c	28,5 b	80	28,3 a	80	28,2 a	99
4	H516-2-1-1-18-1-4	32,6 c	37,8 a	116	37,8 a	116	37,8 a	100
5	H516-2-1-1-18-1-5	36,1 c	34,5 a	95	32,6 a	90	30,7 a	89
6	H419-3-4-5-2-1-1	40,1 b	38,3 a	96	33,0 a	82	27,7 a	72
7	H419-3-4-5-2-1-2	43,6 b	34,1 a	78	33,5 a	77	32,9 a	96
8	H419-3-4-5-2-1-3	34,0 c	34,3 a	101	31,8 a	94	29,4 a	86
9	H419-3-4-5-2-1-4	24,9 c	29,9 b	120	26,8 a	108	23,7 a	79
10	H419-3-4-5-2-1-5	36,1 c	43,8 a	121	40,1 a	111	36,4 a	83
11	Tupi IAC 1669-33	39,5 b	40,6 a	103	39,2 a	99	37,8 a	93
12	Obatã IAC 1669-20	50,5 a	34,8 a	69	28,1 a	56	21,4 a	61
	Média	37,1	34,6	95	32,2	89	29,7	88
	CV%	14,65	20,12	-	21,84	-	32,5	-

As médias seguidas da mesma letra na coluna não diferem entre si, pelo teste Scott-Knott, a 10% de probabilidade.